



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a jornalistas brasileiros e estrangeiros, após almoço oferecido pelo Emir do Catar, Hamad bin Khalifa Al Thani

Doha-Catar, 15 de maio de 2010

Presidente: Eu acho que as pessoas criam uma expectativa exagerada sobre um assunto que o Brasil está muito à vontade. O Brasil é um país que não tem armas nucleares, o Brasil não é membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, portanto, o que o Brasil pode é contribuir. Ou seja, não é uma negociação entre Brasil e Irã, é um país amigo que quer ajudar o outro país amigo a evitar que aconteça uma coisa pior, que é o que pode acontecer se não houver uma decisão do Irã, de firmar um acordo com a Agência Nuclear.

Mas, então, eu acho que a missão do Brasil é uma missão tranquila, de responsabilidade. Vou conversar, com muita franqueza, com o Presidente iraniano, com a franqueza que uma conversa dessa precisa ter, lamentando que os outros presidentes não tenham conversado diretamente com o Presidente do Irã.

Jornalista: A secretária Hillary Clinton diz que não espera uma resposta séria do Irã e que eles estão ganhando tempo.

Presidente: Veja, eu não sei, eu não sei com base no que as pessoas falam. Ou seja, não é porque o meu time não ganhou o jogo de ontem que ele não pode ganhar o jogo amanhã. Não é porque uma coisa não aconteceu do jeito que eu queria ontem, que não pode acontecer amanhã. Ora, eu estou convencido de que a política existe exatamente para você exercitá-la na sua plenitude, para você tentar conversar, para você tentar convencer, para você...



É para isso que nós fazemos política. Política não é uma coisa que você pode fazer transferência, terceirizando a política: Ou seja, “ah, eu mando um funcionário de terceiro escalão do governo para negociar uma coisa grave que o Conselho de Segurança da ONU está decidindo”. Se é uma coisa importante que está no Conselho de Segurança da ONU, portanto, todos os presidentes que participam do Conselho de Segurança, como membros permanentes, deveriam ter a preocupação e o cuidado de tomar, de fazer o melhor, todas as conversas possíveis. Nessa hora, não existe limite de tempo, não existe limite de conversa. Você tem que conversar, conversar, conversar, para ver se você consegue evitar um mal maior.

Jornalista: Presidente, o senhor acha que é a última chance, realmente, para o Irã?

Presidente: Não sei, eu não queria ser tão fatalista. O Brasil tem uma boa relação com o Irã. Nós já estamos marcados de ir ao Irã há algum tempo, o Irã já foi ao Brasil e, obviamente, que eu quero conversar também os assuntos bilaterais do Brasil com o Irã porque nós temos interesses econômicos com o Irã. Esse assunto é um assunto importante, e eu acho que é como se fosse um amigo conversando com outro amigo. Ou seja, eu não estou no Conselho de Segurança como membro permanente, o Brasil é um país que tem na sua Constituição, a proibição de utilização de arma nuclear. Eu disse ao presidente Sarkozy, esses dias, por telefone, que seria tão importante que como membro permanente do Conselho de Segurança, a gente tivesse os três países que não tivessem bomba nuclear. Seria tão mais fácil conversar.

Então, eu sou otimista porque eu nasci otimista. Um cidadão que nasceu em Garanhuns e não morreu de fome até os cinco anos de idade, não tem porquê não acreditar nas coisas. Eu acredito e vou tentar dar a minha contribuição.



Jornalista: O senhor vai pedir garantias sobre o caráter pacífico do programa nuclear iraniano? (incompreensível)

Presidente: Deixa eu lhe contar: o que eu quero é apenas que o Irã faça o mesmo que o Brasil faz. É isso.

(\$31EGJLMQ)